

Ceará pede socorro *Socorro Público* para salvar bebês

8 DEZ 1996

Fortaleza - Dez bebês morreram nos últimos 25 dias no Centro de Neonatologia do Hospital Geral de Fortaleza (HGF), em consequência da superlotação, e "novas mortes seguramente vão acontecer se o governo do Ceará não adotar providências urgentes", alertou a chefe da Unidade, Tereza Lucia Maia. "Estamos sem as mínimas condições para atender as pacientes que chegam aqui quase a todo instante para dar à luz." Ela teme que se repita o problema da Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, onde em menos de um mês foram registrados 66 óbitos, em novembro.

No setor de Obstetrícia do hospital faltam médicos, medicamentos, equipamentos, pessoal de apoio e até material de higiene e limpeza, disse a médica. "Estamos com mães no pré-parto deitadas em colchões espalhados pelo chão, correndo sérios riscos de infecção, por absoluta falta de condições de atendimento."

Toda essa situação é consequência das medidas restritivas de atendimento na Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, segundo a médica. O HGF dispõe de 14 leitos para recém-nascidos, divididos entre UTI, sala de prematuros e leitos de médio risco. A UTI, por exemplo, com capacidade para acomodar quatro bebês, permaneceu durante todo este mês "com no mínimo seis crianças".

As salas de médio risco e de prematu-

ros, com capacidade de cinco leitos cada uma, abrigam de oito a dez bebês respectivamente. "Hoje (ontem), por exemplo, ocorreu mais um óbito porque um dos bebês de risco necessitava de um respirador e não tínhamos, apesar de improvisarmos um manual. Foi tarde", lamentou.

Para o diretor do HGF Sílvio Furtado, a situação é "afritiva" porque, com as restrições impostas para internamento de risco, principalmente na Assis Chateaubriand, muitas mães estão sendo encaminhadas para o HGF. "Muitas vezes somos forçados a dedicar uma maior atenção para as mães, a fim de evitarmos sua morte", comentou.

A médica Dilma Veras, que estava ontem à tarde respondendo pela chefia do Centro de Neonatologia, o maior temor numa situação dessas é com a perspectiva de um surto infeccioso. "Chegamos ao ponto de conseguir num hospital privado um respirador para atender os bebês de maior risco. Não podemos aceitar a superlotação, pois prevemos a morte de mais bebês por absoluta falta de condições", protestou ela.

Veras explicou que muitas mães em trabalho de parto ficam "rodando" em todos os hospitais públicos em busca de atendimento médico. "Muitas vezes elas chegam aqui nas últimas, quando, até por questões humanitárias, somos forçados a admiti-las."

JORNAL DE ECONOMIA